

Síntese

Cantos:

1- *Vira virou*

2- *Nada será como antes*

3- *Compania hasta el destino*

4- *Barco Negro*

Alexandre Ferraro: Se um pesquisador antropólogo chegasse aqui e, não conhecendo ninguém, ouvisse essas quatro músicas, e se ao ouvir as três primeiras alguém ao lado lhe dissesse: “a gente está cantando essas músicas porque descrevem a nossa experiência humana”, ele se perguntaria: “mas o que transformou o coração dessa turma num navio navegador por todo tipo de oceano, como diz a primeira música? Mas o que faz permanecer ‘na boca da noite um gosto de sol’ na vida dessas pessoas? Mas o que faz eles se sentirem ‘companheiros até o destino, aventureiros de liberdade?’” Daria uma bela tese de doutorado. E talvez o Eliandro, que está ali na porta, lhe dissesse: “A resposta está na última música”. Não podemos perder do horizonte que o fundamento de tudo é o relacionamento pessoal com Cristo, é uma experiência de amor, que a mulher da música carrega em si e ninguém pode tirar. Ontem fiquei marcado com a Bete de Vinhedo dizendo: “o que nos une? Uma boa conversa, comida, devaneios? Entre nós há a Presença?”, obrigando-nos todos a reconhecê-Lo novamente.

Este é um momento importante do nosso encontro, porque é (como o Fabiano me disse: “estou esperando a amarração!”) entendermos e enxergarmos juntos o que aconteceu aqui nestes dias. Obviamente eu pedi ajuda para as 16 pessoas que comigo conduzem a experiência do Movimento no Brasil, pedindo a elas: “me ajudem a enxergar o que foi que aconteceu”. E eu proponho a vocês estes pontos que, na sua ordem, na sua ordenação, são as coisas que foram sublinhadas, que tocaram cada um, todo mundo; nós só vamos falar daquilo de que todo mundo foi testemunha. Mas nessa ordenação está a nossa compreensão do que Deus está nos falando e que oferecemos como chave de leitura para vocês.

1- Enquanto o homem pensa, Deus faz: um tipo humano novo

O primeiro ponto me fez pensar no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 15, quando acontece o Concílio de Jerusalém. Para quem não lembra, entre os primeiros cristãos, começaram a se converter não-judeus, começaram a seguir Cristo os não-judeus, e deu a maior confusão. Fazia mais de mil anos que era muito claro o que Deus tinha dito: “a salvação é através do judaísmo”. E começaram a chegar, fascinados por Cristo, gregos. E ficou a maior confusão: “Eles têm de se tornar judeus para seguir Cristo, ou não?” E deu uma confusão. Porque, repito, fazia mil anos que era bem claro que o povo de Deus comia de um certo jeito, fazia festa de um certo jeito. E no Concílio de Jerusalém eles narraram o que estava acontecendo entre os pagãos. Especificamente, num certo momento diz: “e aí todos ficaram cheios de silêncio”, ou “a sala ficou cheia de silêncio”. Eu pensei nisso ontem, no silêncio que houve no momento da assembleia. O que era aquele silêncio? Não era um vazio, era a surpresa desconcertante de ver Deus agindo. Contra mil anos de tradição judaica, Deus estava cumprindo a promessa de uma maneira que eles não tinham previsto. Também para nós, ontem, depois de anos talvez esperando não sei o quê, vimos Ele agir. Vê-lo agir nos desconcerta sim, nos enche de silêncio.

E vinha a pergunta: o que o Senhor quis nos dizer com estes dias? Coloco para vocês. Por favor, levem para casa: o que o Senhor quis nos dizer nestes dias? Eu me permito sugerir: Ele quis que víssemos um tipo humano novo. Se eu penso no que eu ouvi da Luciana do Rio, se eu penso no que eu ouvi do Thiago de São Paulo, se eu penso no que eu ouvi do Thiago do Rio de Janeiro, se eu penso no que eu ouvi da Fernanda de São Bernardo... um tipo humano novo. Se eu penso no que eu ouvi do Ramón de Salvador. Porque esse tipo humano novo (o Ramón usava mais ou menos essa palavra) olha de um certo jeito, presta atenção de um certo jeito. Num mundo onde tudo é rápido, olhar nos olhos e escutar de verdade as palavras.

Acho que para a pergunta “o que Deus quis me dizer com estes dias?”, a primeira coisa é: Ele quis que eu enxergasse de novo o milagre de uma humanidade nova. Ele está nos transformando em criaturas novas. Reconheçamos o que Ele faz.

2- Paternidade e corresponsabilidade

Comentamos ontem sobre a paternidade da Igreja para conosco. Ao invés de nos deixarmos determinar pelos meios de comunicação e as mídias sobre qual é a situação da Igreja e do Papa Francisco, partamos da nossa experiência, que é diferente. Uma coisa é partir do que é comunicado pela mídia, pelos *influencers*, pelos padres pop-star e YouTubers. Outra coisa é partir da nossa experiência.

Um pai reconhece o dom único do filho e o guia, corrige e sustenta, até sua expressão total de adulto. Em 2022, na Praça São Pedro, o Papa falou de nossa história como “um carisma que foi concedido a Dom Giussani pelo Espírito Santo para a ‘utilidade comum’”. Há exatamente um ano o cardeal Ghirlanda disse aos responsáveis dos Memores Domini: “O carisma de CL não é ‘de vocês’; é do Espírito Santo, para a Igreja, deixado em custódia a vocês”. Não sei como isso ecoa em vocês, mas em mim é um chamado à humildade (“não é de vocês”) e ao mesmo tempo à responsabilidade. Para realizar-se o bem que Deus quer à sua Igreja cabe a nós manter vivo e encontrável esse carisma. Precisamos ser filhos, não discípulos, do que nos aconteceu.

A partir de observações também do Dicastério, Davide Prosperi aprofundou conosco na Jornada de Outubro as especificidades da experiência natural e da experiência da fé. Dizíamos ontem “a primeira é uma questão existencial, o nosso eu; a segunda é uma questão histórica, fatos da nossa vida”. Em Giussani nunca existiu a contradição entre “obedecer ao coração ou obedecer à Igreja”. Recobramos essa consciência, que sempre nos caracterizou.

Ainda na praça São Pedro o Papa disse que nos últimos anos houve “um empobrecimento da presença de um movimento eclesial tão importante quanto Comunhão e Libertação, do qual a Igreja, e eu mesmo, espera mais, muito mais”. Falou que este é um tempo de “discernimento crítico daquilo que limitou o potencial fecundo do carisma”. Daí nasceu um grande trabalho de reflexão, cujo fruto nos foi apresentado por Davide no encontro com os Centros Culturais há um mês (“Cultura: ser por Cristo”, maio 2024). Retomando a ideia anterior de “beleza desarmada” (=não precisamos do poder) acrescentou a de “beleza armada” (= a beleza, que é o esplendor da verdade, ao se fazer presente, gera reações). Ele também alertou para os perigos da “ideologia do diálogo”, lembrando que somos chamados ao martírio.

Lembremos ainda que o Papa chamou todos os movimentos e apresentou a reflexão da Igreja sobre sua história de 2000 anos e os diferentes carismas que Deus fez nascer nela (isso se aplicava a todos, não só a nós). Onde se encontra o carisma, depois que o fundador morre?

Não em uma pessoa, mas em um povo, em uma companhia. Não foi uma questão simples para nós, porque Carrón era, evidentemente, uma grande autoridade, e acabamos por pensar que o carisma iria ser sempre passado de pessoa a pessoa; depois do Carrón viria um outro, depois outro... E a Igreja: “Não, não é assim em 2000 anos de cristianismo. Depois que um fundador morre, o carisma é encontrável no povo gerado por ele”. Essa explicitação da Igreja foi reforçada com a grande palavra que mais marcou nossos últimos meses: corresponsabilidade.

Estamos num momento propício para novamente fecundar a terra, eu dizia ontem de manhã depois de cantarmos “Cio da Terra”. Nos últimos dez anos muito se falou sobre os temas acima, mas agora já vemos os frutos, os fatos positivos que nasceram para quem aderiu ao convite da Igreja. Nas últimas 24h estamos sendo espectadores dos frutos na vida de quem abraçou a proposta de corresponsabilidade. Como disseram os samaritanos para a samaritana no Evangelho “Não só pelo que você nos disse, mas porque nós mesmos vimos” (Jo 4).

Um discípulo nunca é totalmente protagonista do que recebeu; um filho sim. Antes já experimentávamos e sabíamos dessas coisas. Agora se tornaram ainda mais evidentes. Estamos só no início da descoberta do que significa corresponsabilidade. Acho que estes dias foram um exemplo vivo da direção pela qual temos de seguir.

3- Tornar meu o caminho que me é proposto

Ontem o Júnior, de Macapá, falou: “na nossa vida hoje se coloca a escolha entre o ser e o nada”. Naquele momento fiquei tentado a pedir silêncio. A escolha entre o ser e o nada...

Quando eu acompanho as discussões políticas na mídia, eu noto que os grupos que discutem são duas faces da mesma moeda. Uma diz: “O inimigo é o capitalismo e temos de derrubá-lo”. A outra diz: “o inimigo é o comunismo, e temos de aniquilá-lo”. Nós dizemos: “O inimigo vive dentro de nós”. Não está fora de nós, de tal maneira que poderíamos mirar e destruir. Ele está dentro de nós. É muito mais sutil. Nosso desafio é muito mais profundo.

Quando Napoleão morreu, depois de décadas em que a Igreja tinha sido perseguida, os padres falaram: “Oh, finalmente, agora acabou! Depois da Revolução Francesa (cujo espírito foi herdado por Napoleão), quando destruíram o jeito antigo de vivermos, podemos agora restituir a ordem antiga.” Esse foi o maior erro da Igreja no início do século XIX. Porque eles não se deram conta de que o ser humano tinha mudado. Não bastava mais fazer aquilo que se fazia 50 anos antes. O povo possuía já uma nova forma de pensar, uma mentalidade diferente que precisava ser reconhecida.

Também agora somos chamados a essa aventura. Chamados a uma mudança de compreensão, porque é a mentalidade do mundo que vive em nós o grande inimigo.

Quando Giussani começou o Movimento, vocês sabem que as igrejas da Lombardia estavam lotadas; a liturgia era perfeita; a catequese impecável; conhecia-se a doutrina e a moral era pregada claramente. E Giussani disse: “Daqui a pouco tempo, tudo isso vai se esvaziar”. O que ele enxergou que outros não enxergavam? Ele viu que tanto os modernistas, que queriam estar em diálogo e de bem com o mundo, quanto os tradicionalistas, que diziam “temos de nos fortificar para defender nossos valores”, os dois grupos cometiam o mesmo erro: a não verificação da fé. E foi essa a novidade do nosso carisma. Esse foi o ponto central que Giussani introduziu, diferente dos modernistas e dos tradicionalistas.

Isso fica bem concreto pensando nos exemplos que vimos ontem. Quando o Thiago de São Paulo contou da esposa que disse: “o que você acha de publicarmos esse filme sobre um padre pedófilo?” Não lembro bem as palavras exatas, mas ele disse: “a provocação dela fez com que eu fosse obrigado a tornar minhas as razões que a fé e a Igreja me davam, para eu conseguir dialogar com ela. E, depois, enxerguei coisas que nem ela enxergava (falando do filho)”. Isso aqui é experiência da verificação. A experiência da verificação é comparar aquilo que eu encontro, aquilo que a Igreja propõe, aquilo que a tradição propõe com o meu eu profundo, meu coração, e reconhecer que a fé responde à vida (Junior usou essa expressão). A fé responde à vida. Amigos, sem esse trabalho, nós somos como a ingênua Igreja depois de Napoleão. Sem a verificação, sem nos depararmos com a evidência de que a fé responde à vida como ela é, nós já estamos derrotados. Ou o cristianismo (e o movimento para nós) é um fato presente, experimentável no hoje da história, ou toda a riqueza do seu passado não será suficiente para ele subsistir.

Aqui se entende o trabalho sobre a liberdade, que estamos fazendo na escola de comunidade, no oitavo capítulo de “O Senso Religioso”. Não “liberdade de”, mas “liberdade para”. Quando a Carol de São Bernardo perguntou “diante daqueles que vão embora, não tenho que respeitar a liberdade deles?”. Sempre temos que respeitar a liberdade do outro. Mas a liberdade é livre somente diante de uma proposta amorosa. Se a liberdade é a experiência de satisfação, ela só se realiza totalmente diante de um convite que considera o significado da vida. “Te ajudo no trabalho de verificar se este é o caminho que nada censura ou nega, que valoriza toda tua história”. O mesmo se aplica aos nossos filhos.

4- O que é a companhia?

Uma das palavras mais repetidas ontem foi a palavra pertencer. E Xavier, nosso *visitor*, insistiu: “reconheçamos o valor sacramental da nossa companhia”. O valor sacramental da nossa companhia significa que há entre nós algo que pertence ao nível ontológico, à essência última das coisas. A companhia não é só apoio, ela não só nos ajuda a recordar, é mais do que isso. Há nela uma natureza nova.

Hoje é a solenidade de São Pedro e São Paulo e eu sempre fiquei impactado com o episódio da conversão de São Paulo. Cristo aparece a ele e diz: “Saulo, por que me persegues?” Mas Paulo nunca tinha encontrado Jesus, e, portanto, nunca poderia tê-lo perseguido. Ele perseguia os cristãos. E quando Jesus lhe diz: “Saulo, por que me persegues?”, ele entendeu esse nível ontológico: a companhia dos cristãos é o corpo de Cristo. Esse tema ele vai desenvolver enormemente nas suas cartas. Cristo é Presença.

“O que é a nossa companhia?”, a Luciana do Rio nos perguntava. O que é a nossa companhia? É impressionante, Luciana, porque você fez essa pergunta e você respondeu com milhares de exemplos. Essa companhia é o corpo de Cristo, como dizia o Xavier: “É tudo para mim, mas não é o Todo”. É tudo para mim, mas não é o todo. Olívio de São Paulo disse que o formato da companhia segue o método da amizade; tanto que “esse método eu comecei a aplicar não só dentro da Igreja e do Movimento, mas no trabalho. E deu frutos”.

Ao falarmos disso, falamos da unidade, que foi um dos temas com que o Papa nos presenteou neste ano. Fabiano de São Paulo nos disse, ontem à tarde: “ao começar a falar de política, eu encontrei um montão de gente ferida e sozinha, porque a nossa unidade tinha sido machucada nas últimas eleições”. Mas, pessoal, o que nos une não é o voto. O que nos une é um juízo sobre a realidade ditado pela fé - e não podemos renunciar a essa unidade.

Precisamos aprofundar o trabalho para reconhecer esse dado que vem antes de nós. Deus nos deu uns aos outros e, com isso, nos doa continuamente um juízo, uma visão, uma compreensão do que é a realidade. Está aqui a nossa unidade, é nesse nível a nossa unidade, é muito mais profunda do que a unidade do voto. Pode se expressar, como qualquer unidade pode se expressar em diferentes níveis. Pode se expressar também no voto. Esse é o meu convite para os amigos da Companhia das Obras, aprofundar o que é essa unidade como juízo da realidade.

Além da unidade, quando falamos dessa nossa companhia, dessa nossa amizade, é útil que reconheçamos alguns desvios na forma com que ela é compreendida. Eu diria que o conceito de “preferência”, tão caro a Giussani, é pouco compreendido por nós. Achamos que preferência tem a ver com aqueles que me entendem, ou que gostam de mim, ou de quem eu gosto, ou que me são simpáticos. Em *É possível viver assim?* Giussani é muito claro: “eu prefiro aquele que foi colocado do meu lado”. É um conceito muito diferente do nosso. É muito mais objetivo. Quando eu ouço no Movimento “ah, esses são os meus”, “os de fulano” ... Amigos, é preciso escancarar o nosso conceito de amizade. Os meus são aqueles que Deus me deu.

Uma das perguntas que a Sílvia de São Paulo fez por carta para mim é: “Onde você vive essa experiência de comunhão?” A experiência de comunhão mais bonita que eu vivo é na minha casa: são dez homens que não se escolheram. Que, por obediência a Cristo, foram morar juntos. Que têm sensibilidades, visões políticas, gostos de como usar o tempo livre, diferentes. Mas o afeto entre nós é de uma beleza! Olha, acho que valeria a pena colocar uma câmera ali, na nossa cozinha, para filmar cenas da nossa convivência e depois mostrar a vocês. Os meus nove amigos de casa são o lugar onde eu descanso. Onde eu posso abrir meu coração quando estou triste, onde eu posso ser ajudado com as minhas questões de trabalho, onde posso contar piadas. Mas isso só é possível quando a gente tem um conceito de preferência novo. A origem e o fundamento do vínculo entre nós é um juízo: o outro me foi dado!

Um sintoma do conceito velho chama-se pretensão. Quando fico indignado por não terem agido comigo da forma com que eu esperava é um momento precioso doado a mim por Deus. Que bom que a minha pretensão se tornou manifesta a meus olhos! Que bom que Deus me está revelando que a companhia são vasos de barro e que o interessante é o tesouro que esses vasos carregam.

5- Uma cultura que nasce de Cristo

Em certo momento, o Thiago do Rio de Janeiro disse: “eu me dou conta de que eu preciso mudar a minha forma de pensar”. Mudar a forma de pensar tem a ver com aquele inimigo que eu disse antes, com o trabalho que eu sou chamado a fazer (ponto três). Mas uma mentalidade é o que chamamos de uma cultura nova. Tudo nos interessa! Não há nada que possa não nos interessar. Queremos poder ter um juízo sobre tudo, mesmo errando, porque é óbvio que vamos errar. Mas não tem problema. Somos abertos para repensar tudo, podemos repensar tudo, mas não aceitamos não poder ter um juízo sobre tudo.

Pensem no exemplo interessante da situação que a Raquel de Belo Horizonte nos contou ontem. Eu pensava sobre a situação da discussão do aborto na universidade. Conversando depois com o Borba de São Paulo ele me disse “Giussani sempre nos fala que temos que levar em conta todos os fatores da realidade, mas também fala que temos de comparar tudo com o coração”. Quando ele falou isso, de fato eu pensei: “Espera aí: qual é a única coisa, segundo a minha experiência, capaz de curar uma ferida de uma mulher violentada?”. Pessoal,

pensemos. Pensemos não no pequeno, pensemos no grande: curar a ferida de um estupro. Qual é a única coisa que é capaz disso? Porque é pouco demais eu desejar para aquela mulher resolver o fruto da violência. Quanta incompreensão! Quanto segredo! Quanta solidão! A única coisa que pode curar uma mulher é ela ser amada incondicionalmente. Sem um amor incondicional, uma ferida como essa nunca vai ser curada.

Reparem que, me dando conta e partindo da minha experiência, a discussão se dilata. Deixa de ser “aborto sim, aborto não”; passo a me interessar pela verdadeira solução para aquela pessoa. Enquanto pensamos, Deus faz. E Deus ontem colocou uma série de exemplos para nós do valor infinito que é aquele filho enquanto feto, na história dos 3 amigos que perderam filhos ainda não nascidos.

Pensando, então, na questão da Raquel, eu falava: “que trabalho bonito é o trabalho que a Raquel e cada um de nós nesse momento é chamado a fazer: olhar a situação da mulher, porque é daqui que parte quem é a favor do aborto”. Vou partir do mesmo ponto que você, eu não tenho problema; eu quero me identificar com o que te escandaliza na proibição do aborto: é a mulher. Então, o que de fato pode curar essa mulher?

Amigos, esse é um exemplo do que é um trabalho cultural, é dialogar com quem pensa diferente da gente, é se identificar com as razões dessa pessoa e se perguntar: “mas na minha experiência, qual é a melhor solução para isso?” Fiz esse exemplo, de forma obviamente, rápida e superficial, como um convite para cada um, nos seus ambientes, trabalhar sobre isso (não me refiro só sobre o tema do aborto).

Isso é o exemplo da “beleza armada”. A beleza armada é a verdade que se impõe, e se impõe pela sua beleza, pela sua atração. Tona-se perceptível: “a pessoa está dizendo não ao aborto por um motivo materno, não pelo motivo do feto; por um motivo materno!”. É “armada” porque um argumento novo entra na discussão. Vai entrar na discussão. Reparem que ampliamos a discussão sobre a lei ao sublinharmos que esta precisa expressar uma experiência encontrável na sociedade. É um trabalho cultural que introduz na arena da discussão um argumento que ainda não foi levantado. Enxerga uma coisa que não tinha sido enxergada. Como o Thiago de São Paulo enxergou no filho uma coisa que a esposa não tinha enxergado.

Como eu, 20 anos atrás, enxerguei na Cleusa, a esposa do Marcos Zerbini, uma coisa que ninguém enxergava. Ela é uma mulher poderosa. Eu me lembro do dia em que eu olhei nos olhos dela e pensei: “aqui tem uma grande tristeza e solidão”. Aquilo apertou o meu coração e disse para ela: “eu queria ser seu amigo”. Começou, então, uma longa história que hoje nos presenteia com o dom enorme que é a presença do Marcos (que impressionante ouvi-lo falar de sua experiência política ontem à tarde! Que sorte temos de ter o Marcos entre nós). Porque essa estrada me fez enxergar, como também o Ramón de Salvador atendendo na pediatria, um dado da realidade (aquela mulher poderosa) que a maioria das pessoas não enxergava. Isso aqui é o exemplo da cultura, uma compreensão nova, que nasce de Cristo. Isso é uma presença no ambiente.

Ontem a Lena do Rio de Janeiro me contou uma coisa interessantíssima. Ela começou a se encontrar por videoconferência com os professores universitários do Movimento de várias cidades, que não acompanham o CLU. Ela faz encontros mensais com eles. São mais de 20 pessoas, disse ela, que compartilham as questões do trabalho. E ela falou de uma professora da Universidade de Viçosa, que não é do Movimento. Ela convidou essa pessoa para participar do encontro. Essa professora é chefe de departamento. Depois ela contou para Lena que, antes

das reuniões mensais da gestão de seu departamento, onde há uma luta de forças pelo poder, ela sempre toma calmantes por ser muito sofrido para ela. Só que ela participou do encontro com os nossos professores nas vésperas de sua reunião no trabalho e ficou surpresa, porque se sentia em paz. Ela acordou no dia seguinte em paz, a ponto de decidir não tomar calmantes. E sua reunião, disse ela, foi linda! Pessoal, o que é isso que se impõe, o que é essa beleza armada que se impõe, e contribui com o ambiente profissional de uma pessoa que não é do Movimento e que participou de um encontro online com outros professores?

Colocar-se no ambiente graças a um transbordar (a Fernanda de São Bernardo dizia ontem), faz com que entremos em diálogo não segundo a ideologia do diálogo, mas de uma forma nova, desconhecida no mundo. Eu uso uma outra palavra, agora: encontro. Para nós, o diálogo é encontro com o outro.

Cultura não é algo só de intelectuais, especialistas ou expressões artísticas. Cultura é como eu concebo a minha vida e o mundo. Um homem pobre da roça, sem estudos, pode ser rico em cultura. A cultura que nasce de Cristo carrega consigo a promessa de um cotidiano heroico, como a Luciana também pedia: “Meu tempo todo é gasto com coisas ordinárias. Eu quero aprender a viver de forma grande as coisas ordinárias”.

Hoje eu tomava café com uma pessoa que me dizia: “tenho necessidade de uma grande aventura na vida”. Pois bem, amiga: você está no lugar certo. Talvez não seja no formato de grande aventura que você imagina, já que a tua ideia de aventura é pequena demais. Ela ouviu o aviso nos Exercícios da Fraternidade sobre ir em missão a Madagascar e me disse: “eu estou disponível, porque eu preciso, eu quero na vida uma grande aventura”. Então, amiga, leve a sério esse seu desejo. Mas Madagascar é uma aventura pequena. Você nasceu para uma maior, mais desafiante, que tem a ver com a intuição da Luciana: aprender a viver as coisas ordinárias de forma extraordinária; tornar o cotidiano heroico, e o heroico, cotidiano. É um caminho difícil, possível só para as crianças e os pobres de espírito – mas acessível aos adultos que deixam uma fresta aberta na janela por onde o Espírito possa entrar.

Avisos comentados

- Qual é o caminho para essas coisas se encarnarem entre nós? São os **Cinco Pilares** propostos na Jornada de Outubro do ano passado: caritativa, cultura, missão, oração e comunhão. Quanta coisa foi falada ontem durante as assembleias dizendo que tudo nasce da Escola de Comunidade ou da Caritativa!

- Sobre a **Oração**. Nosso carisma nos ensinou que a expressão máxima da oração é a mendicância e sua forma privilegiada é a oração litúrgica - a Oração das Horas e a Missa. Giussani citava Miguel Mañara chamando essa forma de “oração dos pobres”, pois nem as palavras com que rezamos são decididas por nós, mas dadas pela Igreja (pobreza total!). Ela se caracteriza também por ser uma oração comunitária. Outro dia, rezando laudes em casa, me dei conta do quanto penetrou em mim, por osmose, que minha relação com Deus é profundamente pessoal e, ao mesmo tempo, comunitária. Não foram palestras assistidas ou textos lidos que me ensinaram isso. Foi vivê-lo, ano após ano. Quando rezamos, quando cantamos, todos devem participar, em uníssono (como uma só voz). Essa modalidade não cancela todas as outras formas de rezar de que gostamos. Devemos buscar aquilo que mais nos ajuda. Mas precisamos ter a consciência do porquê Giussani indicava certas formas e aprender com elas: o *Ângelus* 3 vezes ao dia e ficar de pé no *Benedictus* e *Magnificat* nos chamam a atenção para a encarnação, a Presença presente. O reto tom, nos ensinando a ir para além de nossos sentimentos momentâneos, afirma uma objetividade. O “*Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam*”, repetido durante o dia, revelando-nos o método de Deus que quis passar pela criatura humana; o *Memorare*, fechando o dia confiando em Maria, fonte de esperança.

- Na comunidade de São Paulo houve um grupo grande de famílias que fez uma experiência bonita neste fim de semana (vocês mesmos contaram), acolhendo nas próprias casas muitos de vocês. Eles estavam contentes. E para muitos de vocês foi bom também ser acolhido assim. Essa experiência foi tão bonita, que a Sandra de São Bernardo me disse: “Alexandre, mas isso tem a ver com a vocação das famílias, porque no sacramento a gente diz que vai acolher os filhos e vai abrir a casa para os amigos”. Nesse sentido, eu queria lançar para vocês, pensando principalmente nas famílias mais jovens, que considerem a experiência linda, que existe dentro do Movimento, das **Famílias para acolhida**. Existe entre nós esse grupo de pessoas que se ajudam a entender o que é viver a família como lugar de acolhida. Não só acolhida de uma adoção, não só acolhida temporária de uma pessoa: acolhida dos pais que estão ficando velhos, acolhida dos amigos. O que quer dizer que a vocação da família se realiza, se completa, quando ela entende o significado da acolhida? Pois bem, existe esse grupo de amigos que se ajuda a entender isso. Porque não é necessariamente através de um filho que Deus vai realizar a acolhida que Ele te pediu. Consideremos isso, e quem tiver interesse, escreva para a secretaria nacional para ter informações de como entrar em contato com as Famílias para acolhida.

- Para o trabalho cultural temos um instrumento fascinante que é a **Revista Passos**. Eu comentei que estou numa posição em que a coisa mais bonita é ouvir o que Deus faz entre nós. A revista serve para isso, para dar voz àquilo que Deus faz. Ela é, também, muito atenta aos desafios que o mundo coloca. Vocês viram os artigos sobre a Inteligência Artificial, ou sobre a questão da Afetividade, que foi o tema das últimas duas revistas? São temas quentes que o mundo está discutindo. E, de forma especial, na metade de julho, **dia 14 de julho**, vai ter o **Dia Nacional da Revista**, que é uma ocasião em que as comunidades precisam se organizar para o gesto acontecer. Existem comunidades onde isso é um espetáculo, e existem

comunidades que nem propõem o gesto. Aceitem a provocação de cuidarem do gesto do Dia da Revista.

- **Arquivo da Secretaria Nacional.** Há mais de quatro anos a secretaria nacional vem trabalhando para ordenar toda a documentação que registra a vida de Comunhão e Libertação no Brasil, com o objetivo de catalogar todo o material – documentos, fotos, gravações – e torná-lo acessível para consultas e acervo. Vejam o belíssimo livro da história do Movimento na comunidade de São Paulo, que Olívio, Petrini e Marina organizaram. Queremos pedir a todas as comunidades que façam o levantamento dessa documentação. “Ah, nossa comunidade só existe há dois anos”; ótimo, perfeito, comecem. Façam o levantamento dessa documentação histórica em suas comunidades e entrem em contato com a secretaria nacional para verificarmos como partilhar e cuidar do armazenamento de todo esse material. Esse material se perde, estraga, se não for cuidado de forma adequada. É fundamental esse cuidado para a preservação da nossa história.

- **Frentes de trabalho.** Em janeiro e dezembro, eu lancei para vocês quatro frentes de trabalho: a frente de trabalho da **educação**, dos **grupos de fraternidade**, da **cultura** e da **proteção da criança, adolescentes e pessoas vulneráveis**. Essas quatro frentes caminharam. Pessoas começaram a cuidar delas. Caminharam de forma diferente, obviamente. Desde a parte da educação com o padre Moisés e a Rita (tivemos dois encontros muito bonitos sobre a questão da educação). Apareceram pessoas interessadas em fazer escola e Deus fez cair em nosso colo algumas propostas que a gente está avaliando se é o caso de assumir. E, mais recentemente, um grupo de pessoas que está se organizando para criar uma proposta do Movimento para crianças e adolescentes de dez a quatorze anos de idade. Espero que a coisa venha a caminhar e nos próximos meses vocês possam ter notícias mais concretas, à luz da experiência dos Cavaleiros do Graal lá na Itália. O grupo sobre a proteção da criança, adolescentes e pessoas vulneráveis tem um documento semi pronto e alguns dos nossos estão trabalhando sobre ele. Sobre os grupos de fraternidade, nós fizemos uma videochamada com o nosso *visitor* Xavier em janeiro e os priores de cada grupo de fraternidade do Brasil. E a gente propôs fazer uma próxima conferência como essa daqui a três semanas. Só que, conversando com ele, a gente avaliou que talvez esteja muito próximo deste fim de semana, desta assembleia. Será mais importante trabalharmos sobre o que aconteceu nestes dias. Por exemplo, sobre o texto da cultura, do encontro de Davide Prospero com os centros culturais, na Itália. Pessoal, nós não chegamos em 10% do que esse texto fala. Temos, além desse, outros textos e entrevistas que estão aparecendo. Por isso, fica desmarcada a reunião comigo e com o Xavier e os priores dos grupos de fraternidade. Mas, se houver algum grupo que, por uma questão urgente, deseje se encontrar conosco, podemos fazer uma coisa excepcional. Avisem, por favor, a Nena, que o grupo de fraternidade precisa desse encontro. Finalmente a cultura, que caminha com a Marcela e Otoney, agora muito ajudado pelo Borba.

- **Cidades do interior.** Assim que eu cheguei ontem aqui, encontrei a Mônica de Bauru. Ela fez o CLU comigo, mais ou menos na mesma época. Eu não a via há uns 25 anos, talvez 30. Ela está lá em Bauru, ela é o Movimento em Bauru. Ao vê-la, eu fiquei impressionado, porque ela me testemunhava aquilo que aconteceu na minha vida. “Aquilo que nos aconteceu não pode ser tirado por nada, mesmo que eu more sozinha numa cidade há 25 anos”, seus olhos me diziam. Por isso a minha preocupação em estar perto das comunidades e cidades pequenas. O Movimento está presente em seis, sete grandes cidades, mas são mais de 35 cidades pequenas, onde há uma, duas, talvez três, cinco pessoas que, como a Mônica, foi para sempre

marcada por essa história. Precisamos ser muito criativos para conseguir estar perto de cada uma dessas pessoas. Como somos todos corresponsáveis, ajudemo-nos. Pensemos juntos como nos ajudar a acompanhar cada uma dessas 42 cidades.

Datas:

- Um momento sempre importante, foi importantíssimo no ano passado, é a **Jornada de Outubro**. A Jornada de Outubro vai acontecer no primeiro **sábado de outubro, dia 5**. Vai ser no mesmo formato do ano passado, e, portanto, as comunidades organizem como um gesto local. Tem que ser bonito, a ponto de eu poder convidar um amigo a participar. Cuidem como um gesto.

- A próxima assembleia de responsáveis do Brasil será virtual – como fizemos em dezembro passado – no **dia 14 de dezembro**. E a próxima assembleia presencial será no final de semana, **14 e 15 de junho do ano que vem**, aqui em São Paulo. Exatamente o lugar, a gente vai conversar. Temos reservado Itaici, mas vamos confirmar isso.

- Últimos avisos: é importante que as comunidades considerem fazer **Férias Comunitárias**, talvez juntando uma outra comunidade mais próxima, como férias regionais. Já estão agendadas as férias em janeiro, da comunidade de São Paulo e de Rio de Janeiro juntas. Eu sei que a comunidade de Salvador já está programando férias na metade de novembro deste ano. As férias para nós sempre são um momento forte de experiência do nosso carisma.

- **Rio Encontros:** 6 a 8/09

- **Dia nacional da Coleta de Alimentos:** 09/11

Eu termino esses avisos lendo para vocês uma mensagem que a gente enviou para o Dom Sérgio da Rocha, que é o Cardeal Arcebispo de Salvador. A gente mandou pra ele porque ele é o Cardeal Primaz do Brasil. Ele é do grupo dos nove cardeais conselheiros do Papa, e que eu tive a possibilidade de encontrar em novembro do ano passado. E eu coloquei para ele: “Cardeal, o senhor está perto do Papa, então o senhor tem presente qual a situação da Igreja no mundo inteiro. O senhor tem muito bem presente, como primaz, a situação da igreja no Brasil. O que o senhor nos pede? Interessa servir a Igreja”. E ele disse: “Eu lhes peço três coisas” – e eu já lhes disse isso em dezembro – “cuidem do povo de vocês; cuidem dos jovens; e estejam presentes onde a Igreja, na sua pastoral normal, não consegue estar presente”. Diante disso nasceu essa relação com ele, e lhe mandamos esta mensagem:

*Eminentíssimo Dom Sergio da Rocha, Cardeal Primaz do Brasil
Recordando sua paternal atenção em nosso encontro de novembro passado quando fomos tão bem acolhidos pelo senhor e pudemos dialogar sobre a história do nosso povo, gostaríamos de lhe comunicar e confiar à sua oração que nos dias 29 e 30 deste mês realizaremos em São Paulo uma reunião com vários responsáveis de Comunhão e Libertação espalhados por nossas comunidades de norte a sul do Brasil. Ao todo, seremos aproximadamente 155 participantes. Será um momento importante e precioso de diálogo sobre os desafios que a realidade atual tem nos colocado e como nossa fraternidade consegue sustentar nossa esperança diante desses desafios.*

Sempre gratos por sua companhia, colocamo-nos inteiramente a serviço da Igreja no Brasil.

Contamos com suas orações e sua bênção.

Cordialmente,

Alexandre Ferraro

Responsável pela Fraternidade de CL no Brasil